

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**IMPrensa E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE DO
JORNAL A *TROMBETA* (1869)**

KARLA OLIVEIRA SAMPAIO LANZILLOTTA SGORLON

**MARINGÁ
2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**IMPrensa E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE DO
JORNAL A *TROMBETA* (1869)**

KARLA OLIVEIRA SAMPAIO LANZILLOTTA SGORLON

**MARINGÁ
2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**IMPrensa e Educação no Século XIX: Uma Análise do Jornal A
TROMBETA (1869)**

Monografia apresentada por Karla Oliveira Sampaio Lanzillotta Sgorlon, ao Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Pesquisa Educacional.

Orientador:
Prof. Me. Alessandro Santos da Rocha

MARINGÁ
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central – UEM, Maringá – PR., Brasil)

S523i	<p>Sgorlon, Karla Oliveira Sampaio Lanzillotta Imprensa e educação no século XIX : uma análise do jornal A trombeta (1869) / Karla Oliveira Sampaio Lanzillotta Sgorlon. -- Maringá, 2013. 38 f.</p> <p>Orientador: Prof. Ms. Alessandro Santos da Rocha. Monografia (especialização) - Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação, 2013.</p> <p>1. História da educação. 2. Imprensa no século XIX. 3. Jornal A Trombeta. I. Rocha, Alessandro Santos da, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Fundamentos da Educação. III. Título.</p> <p>CDD 22.ed. 370.9</p>
-------	---

KARLA OLIVEIRA SAMPAIO LANZILLOTTA SGORLON

**IMPrensa e Educação no Século XIX: Uma Análise do Jornal A
Trombeta (1869)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Alessandro Santos da Rocha (Orientador) – UEM

Prof. Me. Marli Delmônico de Araújo Futata - UEM

Prof. Me. Dhênis Rosina - UEM

07 de Setembro de 2013

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que nos capacita todos os dias a realizarmos nossos sonhos.

Aos meus pais Paulo Augusto Costa Sampaio e Maria Aparecida Oliveira Sampaio, aos meus avós, Sebastião e Noêmia e a toda a minha família pela força, dedicação e compreensão que me dedicaram ao longo da vida.

Ao meu esposo Márcio por estar sempre ao meu lado em todos os momentos, me incentivando e acreditando sempre em minha capacidade profissional.

À minha tia querida Marlene de Oliveira, que me mostrou durante toda minha infância e juventude o caminho maravilhoso do educar.

E ao meu dedicado orientador professor Me. Alessandro Santos da Rocha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido o dom da vida, saúde, uma família maravilhosa, por sempre me guardar de todos os perigos e colocar pessoas admiráveis para iluminar meu caminho.

À minha mãe por me acolher em seus braços desde o meu nascimento e em todos os momentos difíceis, por suas orações, torcendo por mim incansavelmente, também são seus os méritos por esta conquista.

À minha amiga Rosana Vasconcelos Ulian Colonhesi, por ser sempre presente e incentivadora, às amigas que fiz no curso: Francelle, Zuleica, Rafaela e Patrícia, fica minha alegria por ter vocês em minha vida e meu agradecimento pelo companheirismo, pelo carinho que tiveram comigo, pelos momentos de distração e felicidade em meio aos momentos difíceis. Desejo que todas nós alcancemos nossas metas, obtendo sucesso e realização profissional.

Ao meu orientador Prof. Me. Alessandro Santos da Rocha, pelo tempo dedicado ao meu trabalho, pela paciência e compreensão das minhas limitações, pela sabedoria com que conduz seus alunos ao conhecimento, superando obstáculos, pelo compromisso e por ser meu exemplo de profissional. Ao meu orientador toda a minha admiração e respeito.

A todos os meus professores, desde a educação infantil até hoje, que muito me ensinaram, ora com sorrisos ora com rigidez, deixando um pouco de si e de sua sabedoria. Em especial, aos professores da Universidade Estadual de Maringá. Meu muito obrigado.

A imprensa livre é o olhar onipotente do povo, a confiança personalizada do povo nele mesmo, o vínculo articulado que une o indivíduo ao Estado e ao mundo, a cultura incorporada que transforma lutas materiais em lutas intelectuais, e idealiza suas formas brutas.

(Karl Marx, 2001, p. 65)

SGORLON, KARLA OLIVEIRA SAMPAIO LANZILLOTTA. **IMPrensa E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE DO JORNAL A TROMBETA (1869)**. 42 f. Monografia (Especialização em Pesquisa Educacional – Turma IV) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Me. Alessandro Santos da Rocha. Maringá, 2013.

RESUMO

O trabalho apresenta a análise do periódico *A Trombeta: jornal crítico, noticioso, litterario e religioso*. O método de análise foi a pesquisa documental, com a utilização dos exemplares digitalizados e que foram localizados no Acervo de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. A contextualização histórica se deu através da pesquisa bibliográfica, caracterizando a História da Imprensa no século XIX e seus desdobramentos e contribuições para a História da Educação. O objetivo da investigação científica foi identificar o modelo de educação informal presente nas páginas do jornal *A Trombeta*, publicado em 1869 na Corte do Rio de Janeiro. O referido periódico trazia notícias corriqueiras e deixava entrever um formato educativo que advertia para as atitudes morais, fazendo menção aos eventos citadinos e as contrariedades com os bons costumes. Ao longo do estudo, verificou-se que os responsáveis pelo jornal tinham concepções sobre o ideal de homem que deveria ser condizente com o Brasil que estava se consolidando como uma nação civilizada e que deveria seguir os moldes modernizadores em vigência na época.

Palavras-chave: História da Educação; Imprensa no século XIX; Jornal *A Trombeta*.

SGORLON, KARLA OLIVEIRA SAMPAIO LANZILLOTTA. **PRESS AND EDUCATION IN THE NINETEENTH CENTURY: A RESEARCH JOURNAL OF A TROMBETA (1869)**. 42 f. Monograph (Specialization in Educational Research - Class IV) - State University of Maringá. Supervisor: Ms. Alessandro Santos da Rocha. Maringá, 2013.

ABSTRACT

The study presents the analysis of the journal *A Trombeta*: newspaper critic, news, literary and religious. The analysis method was the documentary research, using scanned copies of which were located in the Periodical Rare Collection of the National Library in Rio de Janeiro. The historical context is given through literature, featuring the history of the press in the nineteenth century and its consequences and contriubuições for the History of Education. The purpose of scientific research was to identify the model of informal education in the pages of this newspaper *A Trombeta*, published in 1869 in the Court of Rio de Janeiro. Such periodic brought news everyday and let glimpse a format that educational warned of moral attitudes, making mention of the events urbanites and setbacks with good manners. Throughout the study, it was found that the journal's had conceptions of the ideal man should be consistent with Brazil that was consolidating itself as a civilized nation and should follow the molds modernizers in effect at the time.

Keywords: History of Education; Press in the nineteenth century, *A Trombeta* Newspaper.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A IMPRENSA OITOCENTISTA.....	12
2.1. A chegada da imprensa no Brasil.....	12
2.2. Os desdobramentos da imprensa no século XIX	15
3. IMPRENSA E EDUCAÇÃO NO BRASIL DO SÉCULO XIX	19
4. O JORNAL <i>A TROMBETA</i> E A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA.....	23
4.1 A educação informal nas páginas do jornal <i>A Trombeta</i>	25
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS	39

1. INTRODUÇÃO

A monografia caracteriza a imprensa no Brasil do período oitocentista e analisa a importância dos jornais para o debate social. Nesse âmbito, investigou-se o modelo educativo informal presente no jornal *A Trombeta*, publicado em 1869 na Corte do Rio de Janeiro.

As pesquisas em História da Educação têm revelado objetos de estudo que nem sempre priorizam a educação formal, à exemplo de fotografias, jornais e revistas. Contudo, tais objetos não deixam de lado uma compreensão do processo educativo que foi estabelecido no momento em que foram produzidos. Dessa forma, a imprensa periódica oitocentista deixa entrever o momento em que foi concebida.

A partir do jornal como fonte primária dessa pesquisa, elegeu-se o jornal *A Trombeta* para entender a importância da imprensa na sociedade imperial. Assim, o objetivo da pesquisa foi analisar o processo educativo informal pertinente aos debates publicados no referido periódico e que denotam a missão pedagógica de formar pelas vias não oficiais, como as escolas e os colégios

Vale ressaltar que a imprensa é um veículo de circulação de informações, notícias, acontecimentos, dentre outros. Os profissionais que nela atuam podem expressar opiniões individuais, mas que são provenientes do contexto maior em que estão inseridos. Sendo assim, a imprensa deixa de ser apenas um veículo de transmissão e passa a ser um instrumento capaz de produzir e reproduzir ideias, operando ativamente na sociedade e, por vezes, conduzindo pensamentos e ações.

Aceitando a significância da imprensa para recompor a História da Educação é que nos voltamos para o período oitocentista, o qual foi repleto de transformações, com a emergência de problemas sociais, políticos e religiosos. Para além, a atuação da Igreja Católica, deixava o cenário histórico ainda mais contundente ao mesclar suas ações com as ações do Estado. Deste modo, justifica-se a análise do jornal *A Trombeta*, o qual se intitulava como um jornal crítico, noticioso, literário e religioso.

No Brasil Imperial a imprensa escancarava a dita moralidade que legitimava as ações políticas. Por outro lado, não deixava de falar sobre os costumes mais corriqueiros e os hábitos que perturbavam a vida social e cultural da Corte. Nesse sentido, as discussões sobre o que era moralmente correto e o que se considerava errado faz-se presente no jornal escolhido para objeto da pesquisa que resultou na presente monografia.

A monografia ora apresentada subdivide-se em três seções, na primeira delas, intitulada de ***A Imprensa Oitocentista***, o texto versa sobre o surgimento da imprensa no Brasil e as questões que envolviam a política do século XIX.

Na terceira seção, ***Imprensa e Educação no Brasil do Século XIX***, é realizado um debate sobre as questões que possibilitam a análise do contexto histórico e das características educativas nele presente. O texto ainda aborda a importância da imprensa naquele período.

Na quarta e última seção, denominada de ***O Jornal A Trombeta e a Educação Oitocentista***, apresentamos a análise do periódico. No corpo do texto são apresentados as questões que mais se fizeram presente nas páginas do jornal, como a moralidade, honestidade e os múltiplos inconvenientes sociais, a exemplo da prostituição e dos problemas citadinos.

É importante mencionar que a pesquisa foi conduzida pelo método documental e bibliográfico. O primeiro serviu para a abordagem do documento jornalístico, o próprio jornal *A Trombeta*. A pesquisa bibliográfica foi necessária para circunscrever o contexto histórico do século XIX e possibilitou o cotejar das informações face ao que era publicado no periódico.

Resta dizer que, a pesquisa não finda em si. Acredita-se que o estudo abre possibilidades de novas investigações, as quais podem partir da imprensa para aferir questões como: o público leitor, ou ainda, a interferência do jornal na sociedade da Corte.

2. A IMPRENSA OITOCENTISTA

A presente seção discutirá a chegada da imprensa ao Brasil e seus desdobramentos ao longo do século XIX. O período foi importante para a consolidação da imprensa e desdobrou-se em vários fatos. Num primeiro momento será apresentada a chegada da imprensa no Brasil, consolidando-se com dois jornais, um de cunho não oficial, *Correio Braziliense* e, outro de caráter oficial, a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Não pretende-se fazer a análise dos jornais supracitados, contudo, expor o contexto em que os mesmos foram inseridos no Brasil oitocentista é de especial importância para a abordagem dos primeiros anos da imprensa brasileira.

A seção também discute a formação de segmentos específicos que utilizaram-se dos jornais para fazer valer seus interesses, principalmente nos anos que circunscrevem a segunda metade do século XIX, quando os debates partidários passaram a fazer parte da imprensa. Entendemos que a abordagem que se faz nesta seção é essencial para a compreensão das questões que emergiam no Brasil Império e que vão aparecer descritas nas páginas dos impressos, de maneira especial, no jornal A Trombeta.

2.1. A chegada da imprensa no Brasil

Ao tratarmos da imprensa no Brasil, faz-se necessário voltar alguns séculos para que se possa compreender de que maneira ela se estabeleceu por aqui e a sua notável aceitação, mesmo que tardia. De acordo com Martins e Luca (2006, p. 16):

A imprensa criada por Gutenberg, no século XV – e que rapidamente se espalhou pelo mundo -, levou três séculos para chegar ao Brasil, aportando no país apenas no século XIX. O registro é alarmante, pois no quadro das Américas, as colônias espanholas e norte-americanas conheceram precocemente a imprensa, figurando o Brasil como um dos únicos países do mundo a não dispor de prelos, com exceção daqueles da Ásia e da África.

Ao ser colonizado por Portugal, o Brasil foi visto por um longo tempo apenas como uma colônia a ser explorada rentavelmente, principalmente pela diversidade de matéria-prima, como por exemplo, o pau-brasil e, posteriormente, a cana de

açúcar. Destarte, a colonização de exploração aliou-se ao modo de produção escravista. Formou-se assim, um país onde as questões materiais suplantavam as questões culturais, vistas como não relevantes. Logo, a Coroa Portuguesa não se motivou em permitir o estabelecimento da imprensa no Brasil. Certamente, este fator gerou a insatisfação de parte da população que aqui habitava e se via distante das notícias que circulavam no Velho Mundo.

Além das condições materiais das relações econômicas entre colônia e metrópole, outras implicações também geraram dificuldades, como a falta de condições para que a imprensa fosse implantada. Falta de estrutura, técnicas, maquinário, mercado consumidor, entre outros.

Todavia, a imprensa, ainda que tardia, chegou ao Brasil, a princípio sendo executada de forma artesanal, e as condições desfavoráveis não impediram que algumas gráficas clandestinas realizassem algumas publicações. Um exemplo conhecido foi o do tipógrafo Antonio Isidoro da Fonseca, cuja tentativa de impressão no Rio de Janeiro, em 1747, custou-lhe a apreensão da tipografia e o exílio para Lisboa. (MARTINS; LUCA, 2006, p. 17).

No mesmo sentido que Martins e Luca (2006), Pinky (2010) menciona que dentre as adversidades para a implantação da imprensa, deve ser considerado que no período que precede a chegada da Família Real (1808), as tipografias eram proibidas no Brasil e os que se atreveram a violar as regras foram duramente perseguidos. (PINSKY, 2010, p. 133).

Segundo Barbosa (2010), a fundação da imprensa oficial no Brasil Imperial só se deu pela necessidade de atender a realza recém chegada em território brasileiro no ano de 1808. Naquele momento, a Imprensa Régia, passou a satisfazer as necessidades de se mostrar os atos do governo e divulgar as notícias Coroa. Evidente, que a imprensa oficial, via Imprensa Régia, inicia-se com um poder de censura bastante evidente, pois ela também tinha função de “[...] examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes” (BARBOSA, 2010, p. 22).

Lustosa (2004) afirma que a Coroa detinha o controle sobre a informação e tudo o mais que era divulgado na imprensa. As poucas tentativas de se estabelecerem tipografias esbarraram na intransigência das autoridades

portuguesas. Desse modo, os primeiros jornais oficiais a circularem na Corte foram o *Correio Braziliense*, com a primeira publicação em 1º de junho de 1808; e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicada pela primeira vez no dia 10 de setembro de 1808, a imprensa brasileira viria a se consolidar em 1821, como instrumento de participação política.

O modelo oficioso de circulação da notícia no Brasil fez com que o primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense* fosse publicado em Londres, por Hipólito da Costa. De acordo com Lustosa (2004), o jornal era um periódico clandestino escrito por um brasileiro. O jornal começou a ser publicado em 1808 e desapareceu com a independência em 1822.

Durante o período em que circulou uma das maiores preocupações do redator do *Correio Braziliense* foi estabelecer a comunicação com os habitantes da maior colônia de Portugal, o Brasil. Nas palavras de Lustosa (2004, p. 14):

Chamou-o de *Correio Braziliense* porque, naquele começo de século XIX, chamava-se brasileiros aos comerciantes que negociavam com o Brasil e brasileiros aos índios. Brazilienses eram os portugueses nascidos ou estabelecidos no Brasil e que se sentiam vinculados ao Brasil como à sua verdadeira pátria. Ao dar a seu jornal o nome de braziliense, Hipólito demonstrava que queria enviar sua mensagem preferencialmente aos leitores do Brasil.

Se o *Correio Braziliense* era considerado um jornal clandestino, o que por um lado se faz pensar que ele era uma eminente ameaça, por outro podemos inferir que ele não estava tutelado pelas causas da Coroa, como estava o seu contemporâneo, o *Gazeta do Rio de Janeiro*.

O periódico *Gazeta do Rio de Janeiro* não revelava os problemas da Corte e nem se afiliava as posturas iluministas. Todavia, ele foi importante para ampliar a leitura jornalística. Foi um jornal importante que “[...] inaugurou a impressão no Brasil e a circulação regular de periódicos que aqui passam a ser impressos e se tornam, gradativamente, acessíveis a um público mais amplo” (BARBOSA, 2010, p. 21).

Entretanto, ele cumpria com toda a burocracia estabelecida para a comunicação e que era ditada pela Coroa. Além das intransigências portuguesas, existia no Brasil um conservadorismo que interferia no processo de produção no país e contribuiu na demora na implantação da imprensa e, conseqüentemente, na circulação de jornais revistas. É preciso considerar ainda que, instaurar a imprensa

num país com altas taxas de analfabetismo e com um modo de produção pautado na mão de obra escravista seria um passo para a ruína.

Todas estas características fizeram com que os jornais que surgiram no século XIX ficassem caracterizados como denunciantes. Em alguns periódicos as denúncias eram contrárias aos novos ideais que estavam se estabelecendo, mas em outros, a denúncia eram favoráveis ao legado progressista.

2.2. Os desdobramentos da imprensa no século XIX

A partir da segunda metade do século XIX a imprensa entrou num período de franca expansão. Os debates que precederam a Proclamação da República em 1889 estampavam as páginas de vários periódicos que se tornaram o meio privilegiado para veicular o movimento contestatório, bem como os posicionamentos conservadores.

A produção periódica do período deve ser entendida não apenas como reflexiva ao contexto histórico, porém, como partícipe. De acordo com Isabel Lustosa, os jornais que presenciaram os debates republicanos não eram escritos apenas para expor os fatos políticos, mas participaram na construção dos acontecimentos. Aquele “Foi um momento extremamente vibrante, onde se assistiu a um processo de liberalização política sem precedentes na nossa história. Os jornais não noticiavam: produziam acontecimentos” (LUSTOSA, 2000, p. 16).

A emergência de vários partidos mostrava que o cenário político estava conturbado. Diversos segmentos lutavam contra, ou a favor, da Proclamação da República que só veio a se consolidar em 1889. O brilho revolucionário de momentos anteriores, como os que levaram a Independência em 1822, já não eram mais encontrados pela ausência de uma homogeneidade.

De acordo com Mattos e Gonçalves (1991, p. 47):

[...] os regressistas combatiam a anarquia e a desordem, por entenderem que elas ameaçavam a continuidade da Monarquia. Defendiam a continuidade do regime escravista de produção, no momento em que a política inglesa e as insurreições negras

ameaçavam a manutenção. Entendiam que a 'boa sociedade' deveria ocupar uma posição privilegiada na sociedade imperial, mas que o princípio hierárquico e o sentimento aristocrático que presidam esta sociedade deveriam ser resguardados também no interior da 'boa sociedade', reservando um lugar de destaque para os 'dirigentes imperiais'.

Se de um lado existiam os regressistas e conservadores, de outro, erguiam-se os discursos modernizantes que inflamavam o coro dos que pediam um país democrático nos moldes deixado pelo legado da Revolução Francesa de 1789. Todavia, queriam a igualdade na participação política que estava centralizada no poder monárquico e no poderio econômico dos cafeicultores. (MATTOS; GONÇALVES, 1991).

Os modernizadores levantavam bandeiras progressistas que em grande medida chegavam da Europa e adentrava as livrarias, os cafés e salões da Corte. Em suas defesas vangloriavam a ciência positivista, que resguardaria a nação republicana, estes formavam um grupo revolucionário. Segundo Alonso (2009), configurou-se no Brasil um grupo revolucionário, conhecido como geração de 1870. Essa geração constituía a nova elite, rompendo como a antiga elite política, constituída pelos patriarcas do ruralismo. "O debate sobre a reforma da ordem sociopolítica colonial, assentada na escravidão e na monarquia, cindiu a elite política imperial". (ALONSO, 2009, p. 89).

Além de cindir a elite política imperial, Alonso (2009) demonstra que as reivindicações eram postas de modo gradual, tanto é que só se efetivaram em 1889. Para a autora:

A ala favorável à modernização da economia e do sistema político queria mudanças lentas e graduais, no sentido da abolição da escravidão, da laicização do Estado e da democratização das instituições políticas, de modo a garantir a representação das minorias. Deste lado estavam membros moderados do Partido Conservador e a maior parte do Partido Liberal. Outros, sobretudo os conservadores 'emperrados', temiam que qualquer reforma solapasse as instituições políticas e a hierarquia social. O confronto entre essas facções explicitou-se na virada da década de 1860 para a de 1870, quando os liberais insurgiram contra as prerrogativas do Poder Moderador, e a parte moderada do Partido Conservador enfrentou os emperrados iniciando uma reforma modernizadora. (ALONSO, 2009, p. 89).

A reforma modernizadora citada por Alonso (2009) estava presente na imprensa. Os jornais não poupavam a crítica aos conservadores e incitavam o processo revolucionário, fazendo comparações com o modelo político brasileiro e o de países que tinham feito reformas políticas.

A imprensa, por meio de diversos jornais, colocava-se como o meio em que o levante revolucionário encontrava abrigo. Muitos jornais deixavam claro no seu próprio título que pretendiam ser um guia para a sociedade. Essa constatação é feita por Pallares-Burke (1998) quando afirma que:

[...] De existência em geral efêmera, os novos periódicos têm também em comum títulos bastante reveladores, que aludem ao seu papel de guia e educadores da sociedade. 'Monitores', 'Lanternas', 'Despertadores', 'Mentores', 'Faróis', 'Auroras' aparecem em profusão em toda a América Latina e se autodescrevem como indispensáveis 'difusores de luz', veículos de cultura, progresso e liberdade [...] (PALLARES-BURKE, 1998, p. 147).

Mas os jornais pareciam não se contentar em serem guias ou educadores da sociedade. Eles também serviam para ser palco das desavenças. Essa característica fazia-se mais notável na primeira metade do século XIX, quando o governo real ainda estava presente e podia interferir nos jornais. Nessa mesma perspectiva Periotto (2004) afirma que,

Os jornais, por sua vez, funcionavam como expediente para o inflamado debate levado pelas partes em contenda, em particular por aqueles contrários ao governo real, que embora estabelecido no Brasil, agia contra seus interesses ao apenas manter os velhos privilégios (PERIOTTO, 2004, p. 62).

De acordo com Barbosa (2010), os jornais do período eram um palco para o um verdadeiro teatro, onde os atores eram os representantes dos partidos políticos que disputavam quem iria vencer as contendas. As disputas verbais eram constantes e, por vezes, alcançavam a ofensa.

O jornalismo se transforma num teatro performático, no qual os temas da atualidade são discutidos e debatidos em periódicos. Dessa forma, os responsáveis pelas publicações alcançam a notoriedade que o domínio das artimanhas letradas produz (BARBOSA, 2010, p. 49).

Ainda que fosse um “teatro performático”, como menciona Barbosa (2010), o jornal não deixou de lado as questões morais e os acontecimentos mais notáveis da época. Os jornais da imprensa oitocentista foram cúmplices e delatores daquele contexto. E é justamente por sua dupla característica que podemos verificar os embates e as contradições que emergiram no período. Não meramente, os jornais se tornam fontes incomparáveis para a História e, certamente, muito contribuem para a área da História da Educação.

3. IMPRENSA E EDUCAÇÃO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

O desenvolvimento da imprensa brasileira se deu de maneira lenta, todavia com intensa participação na vida cotidiana da população e do Estado, transitando entre a imprensa régia e a clandestina, entre as tipografias brasileiras e os jornais que vinham do exterior.

A imprensa se propõe a informar e formar, noticiar e acaba por descrever o modo como a sociedade de uma determinada época e local se organiza, como os indivíduos se relacionam, através destas explanações, surgem diversas possibilidades aos estudiosos da História. Para os historiadores da Educação, a imprensa é um veículo de informação singular na formação, seja pelo seu viés denunciante e contestatório, ou seja, por ser cúmplice do momento histórico em que foi produzida.

Para Inácio, Santos e Jinzenji, (2010) a imprensa do século XIX era vista como difusora das luzes. Tão logo, cumpria com a missão de ser guia e de “doutrinar”. Nas palavras das autoras:

[...] Ao se autodenominarem “difusores das luzes”, os jornais buscavam “doutrinar” seus leitores nos conhecimentos que consideravam úteis, em destaque para a política liberal, da qual eram representantes, e reflexões de conteúdo moral. Soma-se a essa reflexão a análise dos conteúdos relativos à educação escolar, nomeadamente a defesa da escolarização da população por esses periódicos (INÁCIO; SANTOS; JINZENJI, 2010, p. 128).

O Brasil do século XIX foi marcado por lutas de classes. Foi um século de transformações e mudanças no pensamento e no modo de produção, que sucumbiu o escravismo para dar lugar ao trabalho assalariado. Além disso, os indivíduos começaram a se apropriar de espaços que ansiavam para mudar a sua condição social.

Por interesses divergentes a escravidão era combatida, mas também defendida. Pelos que a defendiam, difundia-se a manutenção da ordem conservadora. Dentre os contrários, havia a ideia de que escravo não integrava o grupo de consumidores e não contribuíam para a formação do mercado consumidor lucrativo, se não o fossem poderiam contribuir para ainda mais para o desenvolvimento da economia.

O contexto do século XIX revelou que a questão econômica interfere diretamente na organização social e, não menos, nas questões educativas. A afirmativa é válida para os anos oitocentos, mas também para os dias atuais, como confirma Isteván Mészáros (2008, p. 43):

As determinações gerais do capital afetam profundamente cada âmbito particular com alguma influência na educação, e de forma nenhuma apenas as instituições educacionais formais. Estas estão estritamente integradas na totalidade dos processos sociais. Não podem funcionar adequadamente exceto se estiverem em sintonia com as determinações educacionais gerais da sociedade como um todo.

Sem ter em mente apenas a Educação formal e voltando-se para as determinações educacionais gerais da sociedade, como observou Mészáros (2008), a Educação deve ir além dos espaços da escola. Nesse aspecto ela está presente em outros ambientes sociais, como por exemplo, nos jornais. Sendo nos jornais ou não, a Educação, constitui uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social. (SAVIANI, 2007).

Esses conceitos são válidos para a atualidade e para que se possa melhor compreender as questões que envolvem tanto a imprensa como a educação no século XIX. Podemos perceber que dentre os debates que ocuparam a época oitocentista, a educação ocupava lugar de destaque, não por existir preocupações com a qualidade ou com a garantia do direito e de oferecimento a todos, mas sim com a perspectiva educar para fazer com que o país “evoluisse” através do ideário “progressista”. Vale dizer que estas particularidades pautavam-se nos ideais europeus.

A França nesse momento serviu de modelo. Foi nela que o país buscou parâmetros para serem seguidos; para formarem o homem bom, genuíno, culto, saudável, generoso, intelectual, moral, estética e fisicamente. O modelo europeu e, de modo especial, o francês, mostrava-se como formador de um ideal de homem, visto como culto à medida que utilizava de toda uma mentalidade própria do contexto da França daquele período. (MATTOS; GONÇALVES, 1991).

As questões que norteavam o século XIX no Brasil e que, sucintamente foram descritas acima, estavam presentes nos jornais e revistas. Assim, a educação e a

imprensa foram se entrelaçando; tanto a educação quanto a imprensa estavam a serviço da sociedade, foram atuantes na formação do sujeito, na construção das ideologias sociais e na transmissão de cultura, conhecimento e informação.

No que tange a Educação, a imprensa oitocentista estimulava e disseminação das ideias iluministas, contribuindo para um processo formativo via informalidade. No entanto, não ficavam de fora as concepções modernizadoras. Considerando que a oferta de educação formal era voltada para poucos, sobretudo para os descendentes da elite cafeeira, a imprensa cumpria também às vezes de educar a partir dos princípios daqueles que a detinham.

Em vários momentos os jornalistas foram vistos como educadores, de tal modo, as atribuições do jornalista se confundiam com as de educador.

[...] Naquele contexto, o jornalista se confundia com o educador. Ele via como sua missão suprir a falta de escolas e de livros através dos seus escritos jornalísticos.

Assim, não é de se estranhar que o jornal tivesse o tamanho e a forma de um livro, nem que fosse composto de longos e densos artigos onde a informação era veiculada de forma circunstanciada e analítica em textos que, às vezes, se prolongavam por vários números seguidos [...] (LUSTOSA, 2004, p. 15)

O fato se afirmava ao consideramos que o acesso ao jornal era mais amplo do que a escolarização. Para Lustosa (2004), a imprensa cumpriu a missão e supriu a falta de escolas e de livros através dos escritos jornalísticos. Na mesma perspectiva, Mizuta (2010, p. 175), afirma:

Essa era a situação do Brasil no século XIX: os estabelecimentos de ensino não existiam em profusão. Assim, o processo educativo que deveria se realizar primordialmente no interior das instituições escolares passou a se efetivar em outras instâncias sociais, utilizando os mais diferentes meios, inclusive a imprensa que [...] serviu de instrumento da ação educacional que era exercida no século XIX.

O papel escrito e o poder das palavras produzidas nos periódicos brasileiros do século XIX podem ser considerados fontes documentais para pesquisas, em especial para pesquisas em História e Educação, essa imprensa servia de veículo para conduzir a instrução do povo. Partindo dessa afirmação, acredita-se que a imprensa do período em pauta é de grande valia. Periotto (2010) justifica a importância da mesma da seguinte forma:

No âmbito da história da educação a importância da imprensa brasileira no século XIX é de crucial importância, pois seu estudo esclarece o processo educativo levado a efeito em suas páginas e contribuiu para que o Brasil pudesse, ainda que demoradamente, construir-se como nação (PERIOTTO, 2010, p. 261).

O texto *A imprensa, co-participe da educação do homem*, de José Carlos Souza Araújo (2002), fornece subsídios para que se possa melhor compreender a relação da imprensa como algo que participa da educação do homem. Para Araújo (2002), o indivíduo é educado e se educa através da cultura que lhe é oferecida, por meio das intervenções do ambiente em que está, ao reproduzir a sua cultura, criando e recriando. Seguindo a linha de pensar do autor, a imprensa oferece um tipo de cultura, logo, gera intervenções. O autor diz ainda que não é possível separar cultura de educação, tendo em vista que a imprensa é uma expressão cultural do homem, ela co-participa de sua educação e da construção de sua história.

Vale ressaltar o importante papel na formação da opinião pública, desempenhado pela imprensa e que como resultado atua também direta ou indiretamente na estrutura do modelo político, econômico e social estabelecidos no Brasil, em momentos permeados por ideias revolucionárias, influenciando na tomada de consciência, decisões e hábitos dos brasileiros.

Considerando a influência da imprensa e, tendo em mente que ela se volta para a formação da opinião pública, entende-se que ela foi essencial para a consolidação dos debates políticos e sociais que se desenvolveram no século XIX. Desse modo é que o presente trabalho tomou o jornal *A Trombeta* como objeto de investigação, a qual é apresentada na próxima seção.

4. O JORNAL A *TROMBETA* E A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA

A segunda metade do século XIX foi repleta de eventos que antecederam fatos marcantes da História do Brasil, como a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Naquele período, os debates públicos se davam nas mais diversas esferas, mas, de modo constante, estavam tomados pelas questões políticas.

Como já dito na seção anterior, estes debates se efetivavam em cafés, salões, livrarias e em espaços variados. Contudo, um dos lugares mais privilegiados para o debate público era a imprensa periódica, especialmente, os jornais e revistas que se erguiam para reclamar mudanças no panorama. Nesse âmbito é que analisamos o jornal *A Trombeta*, um jornal que teve uma curta duração, mas que foi incisivo em seus posicionamentos.

O jornal era publicado na Tipografia Luzo-Brasileira, localizada na Rua do Hospício, 226, na cidade do Rio de Janeiro. O proprietário da Tipografia assumia a autoria das matérias contidas no jornal, entretanto, preferia o anonimato. Assim, o jornal não trazia o nome do redator responsável por completo, mostrava apenas as iniciais e um sobrenome, o do Sr. J. A. R de Rezende.

O periódico circulava semanalmente, ainda que não tivesse um dia específico da semana. A edição de n. 03 (três), com data de 13 de julho de 1869, saiu numa terça-feira. Já o n. 04 (quatro) é datado de um domingo, dia 18 de julho de 1869. A partir do n. 05 até o n. 08, o jornal foi publicado aos sábados.

As quatro páginas que compunham o periódico estavam divididas em seções que nem sempre se repetiam. Dentre as seções havia aquelas que se dedicavam a literatura, à avisos e a variedades. Apenas duas seções estiveram presentes em todos os números, uma chamava-se de *Trombeta* e a outra era denominada de “*Sessão dos Barbeiros*”¹.

Na seção intitulada de *Trombeta*, o redator do periódico trazia notícias e informações cujo conteúdo era pertinente ao Editorial, no qual o redator que, mesmo em anonimato, expunha questões pujantes da época, como por exemplo, o fim do tráfico de escravos, os artigos que versavam sobre a moral e a prostituição, e até

¹ A palavra “Sessão” está grifada como no original. A grafia contemporânea evidencia “Seção” como local, parte ou departamento.

mesmo, questões referentes a limpeza das vias públicas. Nesse sentido é que publicou no dia 04 de setembro de 1869 que,

Não basta que desde a madrugada percorram as ruas homens armados de vassouras para limparem ou varrerem as ruas, não; é necessário que esses homens desempenhem com zelo, promptidão e cuidado esse trabalho e que as ruas fiquem varridas e não *vasculhadas*, que os animais mortos sejam dellas removidos etc., etc”. [...] E se por ventura ellas forem ouvidas e o serviço melhorar, seremos os primeiros a trocar estas leves queixas por elogios.

Na nossa modesta postaa de jornalista não nos deixamos cegar por paixões, nem ódios. E assim como nos achamos na estacada para censurar, assim também a nossa penna se presta a elogiar a quem merecer elogios. (A TROMBETA, 04 set. 1869 sabbado, n. 8, p. 1, grifo nosso).

Na citação acima, interessa observar que além de expor assuntos que o incomodavam, o redator fazia questão de dizer que sua posição de jornalista deveria ser conduzida pela imparcialidade. Contudo, isso não era percebido nas páginas do periódico. Sobretudo na “Sessão dos Barbeiros”.

A “Sessão dos Barbeiros” era assinada por Panteleão Cara-Linda e por Bento das Moças. O primeiro se designava presidente da barbearia, já o segundo, dizia ser o secretario. Nessa parte do jornal, os redatores aproveitavam para discutir assuntos corriqueiros, mas que não deixavam de ser polêmicos, como por exemplo, a conduta das mulheres que participavam de lupanares², ou o plágio de outros jornais que copiavam suas notícias. No que tange ao plágio, o autor publicou a discordância com o ato, advertindo que havia enviado uma notificação para os periódicos que o copiavam. Conforme o próprio jornal:

Um offício, assignado por todos os membros, pedindo ao collega do <<Echo Popular>> que, quando transcrever algum artigo nosso, tenha a delicadeza de dizer <<extrahído da Trombeta>>, e não fazer como tem feito; se o collega acha os artigos bens, transcreva-os, mas não queira apresentar como seu aquele que pertence a outrem; se bem que estes factos se deram quando o verdadeiro proprietário esteve doente. (A TROMBETA, 04 set. 1869, n. 8, p. 2).

A partir do que foi exposto, nota-se que o jornal *A Trombeta* não era um periódico que passava despercebido dentre as polêmicas que cercavam a imprensa da época. Em suas páginas o que mais se lia eram as denúncias aos

² Nome dado aos prostíbulos da época.

problemas sociais existentes na cidade do Rio de Janeiro e que eram consoantes ao próprio contexto histórico da época.

4.1 A educação informal nas páginas do jornal *A Trombeta*

O jornal como fonte primária oportuniza ao pesquisador aproximar-se mais efetivamente da realidade vivida pelos homens de um determinado período. Nesse sentido, ao noticiar e entreter, os periódicos brasileiros do século XIX envolviam-se com temas que revelavam as desavenças daquela sociedade, tornando-se um instrumento investigativo importante para a História da Educação à medida que desvelava o perfil de homem, o qual deveria ser formado para o país que estava em busca de se firmar enquanto uma nação republicana. Partindo de tais afirmações é que analisamos o jornal *A Trombeta* e sua função educativa.

Primeiramente, cabe ressaltar que o jornal *A Trombeta* não tinha o objetivo direto e explícito de ser um periódico com funções pedagógicas. Nesse sentido, não pretendia fazer a discussão do sistema educativo formal que existia na sociedade oitocentista. No entanto, apesar de ser um jornal que se mostra como objeto “[...] aparentemente desvinculado daquilo que usualmente se entende por objeto da educação, [ele tende a] demonstrar o quanto de educação ele comporta” (PERIOTTO, 2012, p. 01).

O que mais chama a atenção nas páginas do *A Trombeta* é a questão da moralidade. O jornal discutia veemente a postura considerada por seus redatores como uma afronta a moralidade da época. O debate se dava nas atitudes de sujeitos que, segundo o periódico, era algo “medonho” para os costumes da corte. Exemplarmente, a prostituição e suas decorrências que, por diferentes vezes, foram citadas no jornal.

Deixando de parte este quadro medonho, mas em que não exageramos nem avançamos proposição que não seja verdadeira, vamos-nos ocupar da prostituição, mas de outra espécie. As famílias que percorrem as ruas desta immensa Babylonia presenciam, muitas vezes actos reprovados praticados por essas mulheres que desde a manhã até a noite guarnecem as janellas de seus lupanares, e ahi ás claras trocãõ com os seus apaniguados palavras obscenas e horripilantes, e quando doceis aos gracejos se mimoseãõ com ósculos, ademanes gestos, etc., etc. (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 1).

De maneira direta o jornal *A Trombeta* não dispunha de uma seção voltada para assuntos educacionais e pedagógicos, porém, ao tratar de temas que envolviam a moralidade e a conduta dos sujeitos que participava daquela sociedade, o periódico desvelava seu potencial educativo ao inferir sobre o modelo de homem adequado para o período. A palavra imoral estava em várias partes do jornal, mas geralmente era utilizada para depor contra atos e condutas praticados no período, como na citação abaixo que ilustra o formato das críticas presentes no jornal:

Um officio do 4 relator, pedindo todas as providencias, para aquella taberna da rua Direita que aluga quartos, **pois que isso é immoral**, e bastante immundo, o consentir-se que tabernas se transformem em estalagens, se porém dentro de oito dias a policia não intervier neste negocio declararei então o numero para que a camara e thesouro possão receber, este a décima, e aquella a multa (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 2).

O redator do jornal comparava as ruas da cidade do Rio de Janeiro com uma “immensa Babylonia”. Tem-se assim que os responsáveis pelo jornal advogavam contra as diversas adversidades contrárias ao que julgavam de arquétipo ideal de homem e sociedade. Quando os redatores diziam que algo era “immoral” compreende-se, claramente, que determinadas posturas não convergiam para o tipo de sociedade que deveria ser formada e que a todo tempo queria se espelhar no estilo da *finesse* francesa e na lisura das ações humanas. Evidente que se pregava “um modelo de caracteres probos³, [que] merece, por sem duvida, os maiores elogios... (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 1).

Como já se mencionou anteriormente, o jornal estava preocupado com a moralidade e as atitudes que a colocavam em risco. Atividades ilícitas ou mau-vistas eram combatidas, como a prostituição feminina na Corte. Ainda que não seja o foco desse trabalho, não há como não perceber como os redatores do *A Trombeta* caracterizam as mulheres da época, fazendo clara alusão ao perfil educativo que privilegiava os bons modos reservados a formação feminina. O problema da prostituição era contrariado com a imagem da mulher casta e virgem que podia ser encontrada nas poesias publicadas pelo jornal. No poema a seguir, publicado na edição de 18 de julho de 1869, tem se um exemplo disso:

³ Probos: casto, digno, direito, honesto, honrado, imaculado, íntegro e sério.

Eu te amo

Amo –te muito minha adorada virgem!
 Com amor intenso, quando dá minh'alma
 Este amor que tão puro offertu
 Arrancou-me crenças, já roubou-me a calma!

Amo-te muito, mas em segredo, sabes,
 Que não posso hoje os meus votos dar
 Mas deixa ao menos contemplar teu rosto,
 E no peito, esta paixão guardar!...
 (A TROMBETA, 18 jul. 1869, n. 4, p. 4)

O poema acima é assinado por J. A. Ribeiro de Rezende, proprietário da Tipografia que imprimia o jornal *A Trombeta*. A informação é importante, pois além de desvelar a forma como o redator concebia a imagem da mulher e a maneira como as mesmas deveriam ser tratadas, também expõe a marca do moralismo que configura o seu jornal. As características das poesias moralizantes são confirmadas em outros números do periódico, sobretudo na seção de literatura.

Além de se preocupar com as mulheres, em diversas ocasiões as notícias serviram para alertar quanto ao modelo de formação que deveria prevalecer na sociedade da Corte como um todo.

O jornal *A Trombeta* servia para denunciar as incoerências dos que infringiam os bons costumes. Não meramente, o redator chegou a exigir das autoridades que se apurassem casos de imoralidade. Vejamos:

[...] requeiro que a casa mande averiguar o que fez a policia aquella bahiana que na quinta-feira espancou a escrava, isto na rua do Hospício. Que desgraça! que miséria! meu Deus, que immoralidade, e isto na capital do Império, Srs. Do município olhai para isto. (A TROMBETA, 18 jul. 1869, n. 5, p. 1)

Observando a citação acima percebemos um tom de crítica moral, mas vale ressaltar que em momento algum se tem identificação dos personagens, ou a citação de nomes. Este fator pode ser comprovado nas notícias referentes aos acontecimentos jurídicos e policiais que também tinham lugar de destaque no periódico. Em algumas discussões que figuraram no jornal, era tratado sobre a “indecência” por parte dos sujeitos que estavam na ordem do dia, como por exemplo, os magistrados. O jornal não poupava a crítica, assim, noticiou que “[...] alguns magistrados tenham errado. Levados somente por induções políticas, a

maioria dos nossos juizes é merecedora das ovações e respeito dos cidadãos.” (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 1).

O redator do jornal *A Trombeta*, se dispunha a publicar contribuições de seus assinantes, assim o público leitor poderia participar, colaborando com as investigações propostas durante as sessões, enviando seus textos, em forma de poemas, anúncios, em algumas passagens temas polêmicos e ao mesmo tempo corriqueiros para que fossem tratados na seção dos barbeiros, dentre outros.

O Sr. 2º relator offerece uma poesia e é lida:
 Vinde cá Anna Leiteira
 Vinde ver o teu amor
 O teu Vasques azeiteiro
 O ferreiro sem calor.

Annazinha vinde ouvir
 Este meu bello cantar
 Annazinha pelo Vasques
 E' capaz da vida dar.

Ella tem o seu collegio
 Mas collegio arreventado
 Mesmo assim o que Ella ganha
 Ao Vasques é tudo dado. (A TROMBETA, 30 jul. 1869, n. 5, p. 1).

Contudo, havia a orientação de que os anúncios não deveriam ofender ninguém, esta orientação esteve presente em todos os números do jornal *A Trombeta*, na parte que tratava sobre as assinaturas:

Assigna-se nesta typographia por 2\$000 ao Trimestre, 3\$500 Semestre, e 6\$000 por anno. **Os Srs. assignantes pódem publicar os seus artigos grátis com tanto que não offenda individualmente.** As correspondências ou communicados serão publicados conforme ascondições (A TROMBETA, 1869, n. 3-8, p. 1, grifo nosso).

Ao passo que discutia a moralidade de acordo com seus princípios, o redator também abria espaço em seu jornal para que fossem divulgadas notícias e informações vindas dos assinantes do periódico. Desse modo, no jornal *A Trombeta* era disponibilizada uma coluna específica para os assinantes fazerem anúncios gratuitamente, a única exigência é de que não ofendesse individualmente a quem quer que fosse.

Querem comer uma boa feijoada? leva tripa com abundancia! Ora a tal freguezia da rua S. Jorge continua com a mania que a força deste

elemento em pouco tempo ficará gorda como um bacalháu, e magra que nem uma pipa! Adnarim tem gostádo da empreitada! vai fabricando pillulas de Azeitão e pouco se importa com o que por ahi dizem. O freguez sapos da rua do Senhor dos Passos julga que por estar na canto da do O que elle quer é que a fregueza continue a honrá-lo quanto elle não se despreza de levar a feijoada no n. 18 da rua do Santo a cavallo e pelo caminho canta;

Sou bonito, sou galante
Da dama muito querido
Pelo bem que ella me quer
Briga sempre com o marido. (A TROMBETA, 14 ago. 1869. n. 7, p. 4).

Além das questões morais, encontramos a menção aos problemas sociais recorrentes a população urbana, principalmente no que tange a escravidão. O tema do tráfico de pessoas era enfatizado com freqüência em uma sociedade que só veria o fim da escravidão após 19 anos, com a assinatura da Lei Áurea, assinada pela Princesa Izabel em 13 de maio de 1888.

AVISO

Por falta de espaço não publicamos um artigo sobre uma rifa de um escravo de nome Manoel. Pedimos por tanto desculpa a esse nosso collaborador, por esta falta involuntária; mas o promettemos fazer no próximo numero. (A TROMBETA, 14 ago. 1869, n. 7, p. 4).

O redator parte do modelo de escravidão africana para fazer uma crítica ainda mais densa ao tráfico de mulheres e a prostituição. A preocupação que incomodava era o destino das mulheres escravas e as decorrências que a determinada prática sexual estava causando, ainda mais em jovens que descendiam de “boa educação e de bom nascimento”. Assim, lia-se nas páginas do *A Trombeta*:

[...] mulheres escravas favorecidas de beleza para entrega-las exclusivamente a este tráfico de nova espécie, em que se não expõe o capital senão a essas enfermidades contagiosas, que ellas passam com a maior facilidade aos moços inexperientes e aliás de bôa educação e de bom nascimento, sujeitando assim seus pais e tutores a despesas extraordinarias com a compra desses elixires que por ahi se vendem e que muitas vezes estragão ainda mais aos que a elles se sujeitão. (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p.1).

Ao que mostra o jornal, o problema social da escravidão não se vinculava apenas a libertar ou não os negros presentes no Brasil. Em várias publicações do periódico era questionada a mão-de-obra escrava, a princípio tão lucrativa, e que

passava a comprometer a moral dos homens “civilizados” e “dos senhores”. Além disso, interferia nas transações comerciais que se realizavam no ambiente citadino, fato que era ainda mais preocupante.

Os negros, antes vistos como força de trabalho, passaram a ser vistos como empecilho. Os argumentos, ainda que pesassem pela causa abolicionista, evidenciavam que a população negra pouco contribuía para o aumento de renda no país, nem mesmo para ampliar o volume de negócios. Eles – os negros – não constituíam um mercado consumidor ativo e nem possuíam a moeda, propriamente dita, para comprar.

[...] existe um celebre ourives, conhecido pelo ruivo que também empresta dinheiro sobre qualquer objecto, embora este seja roubado. Dizendo algumas pessoas que elles dous são socios, acrescendo mais que este ruivo vende e compra escravas, não importa o seu estado de saude, com tanto que elles sejam bonitinhas para poder enganar os incautos, como fez ao seu visinho. Ora havendo uma lei, pela qual ninguém poderá negociar em escravos sem uma fiança, como se deixa este cigano, assim proceder (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p.2)

Reafirmava-se assim a cultura branca e capitalista de aquisição e lucratividade, pois detinham a sua própria cultura. Na citação abaixo o leitor se depara com a rotina de um indivíduo da sociedade que precisa simular seu bem estar para estar de acordo com o que a sociedade espera, aqui tem-se descrita uma situação que nos remete a uma espécie de decadência da elite imperial.

Embebieo nestas idéas, que lhe roubão o sonno; supportando difficilmente uma luta de sentimentos oppostos, que lhe dilacerão a alma, o pobre homem vai passando amargurados dias, até ao momento em que é surpreendido por um terceiro baile em sua casa! Pois, digamos a verdade, não tem motivo para admirar-se, E' o dia de S. João, o santo de seu nome.
A casa, excessivamente grande para a família, é mesquinha para receber o immenso numero de concorrentes!
 Começa a funcção. **O Sr. João quer simular alegria**, mas Deus sabe, e eu suspeito, o que se passa nos recônditos escaninhos daquela alma atribulada! (A TROMBETA, 18 jul. 1869, n. 4, p.2).

Prostitutas e magistrados, como já foram citados, eram alvos certos do jornal *A Trombeta*, bem como outras classes, como a dos farmacêuticos por exemplo. Em alguns momentos o jornal se posicionava de maneira favorável a estes.

Outro mal resulta desta especulação e é o de prejudicar os Srs. pharmaceuticos que merecem este nome gastão annos em estudos, sujeitando-se a provas da sua capacidade.

E' triste que uma classe inteira fique prejudicada com esta especulação, e que muitos dos Srs. boticários vejam-se privados de vender seus remédios, ao passo que esses especuladores enchem as algibeiras. (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 4, p. 1).

Em outros momentos, voltando-se a favor da população, principalmente dos menos favorecidos que poderiam se beneficiar com as descobertas e pesquisas dos farmacêuticos, que pouco se interessavam pelas ervas medicinais vistas com bons olhos pelo periódico *A Trombeta*, o jornal posicionou-se contrário à atuação dos profissionais, dizendo que,

E' preciso pois que a junta central de hygiene, proceda de uma maneira mais energia e procure dar mais força aos nossos pharmaceuticos, que em vista de tantos e tantos remédios vindes do estrangeiro, e vendidos aqui, quase que perdem o amor a sciencia e só se resumem em fazer aquillo que os nossos medicos receitão, resultando disso que **nenhum delles procura por meio de estudos scientificos combinar vegetaes, ou quaesquer ingredientes para aplicar muitas vezes males que conduzem o infeliz a sepultura**; e por que? Porque desgraçadamente no Brasil só tem conceito e é preferido aquillo que nos vem da Europa ou dos Estados-Unidos. (A TROMBETA, 30 jul. 1869, n. 5, p. 1).

Outra coluna não menos importante do jornal *A Trombeta*, com o subtítulo de “Sessão dos Barbeiros”, encontravam-se comunicados, onde o cotidiano da cidade era relatado, um deles faz menção as más condições de conservação das ruas, “[...] é um completo mijadouro pois tal é o estado de imundice que sempre ali existe”. (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 2).

Mas não só de denunciar as imoralidades presentes em alguns segmentos se fazia o jornal *A Trombeta*. Em suas páginas haviam também muitas defesas em prol do povo. “Quando o povo submisso se presta a pagar tributos que delle se exige, o povo deve ser attendido nas suas queixas.” (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 1).

Artigos que demonstravam o patriotismo daqueles que redigiam o jornal *A Trombeta* podem ser encontrados com facilidade nas páginas do mesmo, desde enaltecimentos a riqueza da flora brasileira até a gratidão ao desenvolvimento do comércio que estava se consolidando aqui na “Corte”, Brasil. “E dando expansão, nestas toscas linhas, aos sentimentos que nutrimos em favor do commercio,

soltamos um brado de respeito á briosas e patriótica classe commercial do Brasil, nossa pátria”. (A TROMBETA, 07 ago. 1869, n. 6, p. 1).

O periódico se auto-intitulava como um jornal crítico, noticioso, literário e religioso. Deste modo, partes esparsas do periódico eram destinadas a colunas de cunho político, econômico, cotidiano urbano, literatura, anúncios, variedades, comunicados e um aviso muito importante: “Roga-se as pessoas que receberem este jornal e não queirão assignal-o que tenha a bondade de devovel-o á typographia, para não se darem evasivas ao receber a importância da assignatura.” (A TROMBETA, 30 jul. 1869, n. 5, p. 4).

O caráter religioso do jornal em questão se evidenciava ao exaltar a classe dos religiosos, e censurar sacerdotes com atitudes imorais, despidos de sentimento humano, denominando-os até de “abutre”. Desse modo,

O 1 relator obtendo, faz que em sua freguezia, existe um padre tão despido de sentimento humanitário, que um desses papéis que se publicação em sabbados da Alleluia a que dão o nome de testamentos de judas, já teve ocasião de censurar os factos por elle praticados, porque na realidade parece incrível que um homem a que se dá o nome de sacerdote, seja o primeiro a querer usurpar suor alheio. (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 2).

A literatura era bastante presente em prosa, poesia, narrativas, contos, com uma estratégia de tornar fiel o leitor, prometendo surpresas para a próxima publicação, dizendo que a história iria continuar.

Falla-se ainda da elegância de D. Pulcheria do espírito de D. Simphronia e de muitas outras bagatelas notáveis, quando chega o dia de Santo Antonio. (*Continúa*). (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 4).

Pode-se perceber que em vários momentos distintos o redator do periódico *A Trombeta* lança mão da literatura para compor seus artigos, encontram-se textos literários na seção Trombeta, como forma de fechamento da seção dos Barbeiros e em uma seção exclusiva para a literatura. Em sua maioria os textos encontrados buscam esboçar acontecimentos da sociedade.

Para ilustrar o aspecto literário, vale destacar o verso “Outro”:

Oh! Meu ruivo vinde cá
Vinde ouvir este cantar

Ruivosinho é tão bonito
 Que este verso quero lhe dar.
 (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 3).

Nas publicações de número 4 de domingo, 18 de julho de 1869, o número 6 de sábado, 7 de agosto de 1869 e o número 7, de sábado, 14 de agosto de 1869, o redator agrega algumas pequenas ilustrações para compor seus textos literários. Mesmo as ilustrações traziam mensagens críticas, alusivas a sociedade e seus comportamentos, como pode-se ver na seção Alegorias, do número 7, onde a figura de um aperto de mãos é seguida pela seguinte frase: “O que não ha entre artistas”. (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 37 p. 4).

A questão da corrupção também foi debatida pelo jornal *A Trombeta*, tanto a corrupção de mulheres, como dos magistrados, do funcionalismo público e entre as autoridades do alto escalão.

- Uma participação do 2º relator declarando que aquelle commandante que obriga aos capitães a contribuírem mensalmente com quantias para caixa do batalhão, continúa, no mesmo systema; que era melhor officiar-se a que competir, perguntando para que é esse dinheiro extorquido aos tristes commandantes de companhia o que obriga a estes, a forçarem os guardas a um serviço dobrado para assim poderem dar cumprimento as muitas dignas ordens do commandante reservado. (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 3, p. 2).

O caráter crítico e preocupado em estar a serviço de seu público se faz bem presente em suas páginas, o serviço social do jornal *A Trombeta* se evidenciava ainda ao preocupar-se com a moralidade e o cotidiano das pessoas inclusive com a segurança das mesmas, se pondo a disposição de investigações, como veículo de denúncias e de cobranças as autoridades competentes.

- O Sr. Presidente põe em discussão o assalto da Lagôa.
 O Sr. secretario – pela ordem – Sr. presidente o facto que se deu na freguezia, deve ser bem syndicado, e por isso eu requeiro o adiamente da questão até que os nobres membros passão informarem-se do que hade real nessa negrejante tentativa de homicídio e roubo. (A TROMBETA, 13 jul. 1869, n. 4, p. 2).

Tendo em vista, a preocupação com a moralidade, com a formação do indivíduo e o dever de noticiar, a que se presta o jornal “A Trombeta”, o mesmo desempenhava esta função avidamente.

Assim sendo, pode-se visualizar o quanto este modelo de imprensa como o do jornal *A Trombeta*, era importante, principalmente por sua capacidade de interferir nas questões do cotidiano da sociedade do século XIX, de forma direta e indireta, muitas vezes lançando mão de estratégias de linguagem, por exemplo, com humor ou com um vocabulário rebuscado para atingir os intelectuais.

Ao analisarmos o jornal *A Trombeta*, percebemos que mesmo não se propondo diretamente a discutir questões sobre educação, ele não o fazia formalmente com um espaço exclusivo para tal assunto, contudo, ele o faz constantemente, quando coloca o leitor diante da moral, dos bons costumes e do ideal de homem para a época, desse modo se tratava de educação de forma informal.

CONCLUSÃO

A imprensa e a educação estiveram intimamente vinculados no século XIX e, certamente, na atualidade esta ligação se perpetua. A instalação tardia da imprensa no Brasil, fez com que o seu processo de evolução caminhasse lentamente devido aos diversos entraves que ela enfrentou. Após o período de sua instalação e, vencido o período de censura imposta pela Imprensa Régia, os jornais multiplicaram-se a partir de assuntos que estava na ordem do dia. Estes assuntos eram tratados das mais diversas formas, como aparece no periódico *A Trombeta* de 1869.

As questões tratadas pelo periódico estabelece uma relação bastante intensa com a educação, uma vez que promulgava a moralidade a partir de denúncias e comentários que tomavam as questões presentes na Corte do Rio de Janeiro.

Em seções específicas, como a “Trombeta” ou “Sessão dos Barbeiros”, podia ser lido os incômodos que perturbavam a vida da sociedade. Ao retratar na imprensa tais como jornais e periódicos do século XIX, as questões de moralidade, de literatura, política, religiosa e econômica, demonstra-se uma correlação muito intensa com a educação e com os interesses de uma sociedade que queria evoluir.

O jornal *A Trombeta* pode ser entendido como um periódico exemplar. Além dele, outros jornais seguiram o mesmo formato, como revela a bibliografia abordada. Este fator deixa claro que os jornais da imprensa oitocentista estavam preocupados com os desdobramentos da sociedade. Certamente, o negativismo das ações imorais era visto como um motivo de retrocesso diante do almejado progresso aos moldes dos europeus.

A partir do presente estudo, podemos afirmar que a imprensa se atrelava com um formato educativo informal. Seu importante papel de informar caminhava em paralelo com as transformações daquela sociedade. Caso contrário, a abolição da escravatura e a Proclamação da República não teriam sido motivos para nortear o debate público nos periódicos.

Todavia, é importante lembrar que nem todos os homens da corte tinham acesso livre, tanto ao jornal *A Trombeta* quanto a outros periódicos. Este fator se deve, dentre outros, ao analfabetismo do século XIX e também aos problemas impostos a publicação tipográfica, como foi discutido na primeira parte deste trabalho.

Mesmo com os percalços que acometiam a imprensa oitocentista, o jornal *A Trombeta* não deixou de lado sua função de dar voz a um determinado segmento, evidenciando descontentamento que, sem dúvida, atingia outros grupos. Nesse sentido, é importante ressaltar a sua importância no que se diz respeito as representações da realidade e ao dar voz para as causas cidadinas, contribuindo para que aquele povo alavancasse a liberdade de expressão.

Enfim, diante do estudo realizado pode-se considerar o jornal *A Trombeta* um exemplo característico da imprensa existente no século XIX, empenhado com questões morais e, conseqüentemente, objetivado em formar concepções importantes para o período em que foi publicado, tornando-se assim, uma fonte significativa para a História da Educação.

REFERÊNCIAS

Fonte

A TROMBETA: jornal critico, noticioso, litterario e religioso. Rio de Janeiro. n. 3-8, 1869.

Bibliografia referenciada:

ALONSO, A. Apropriação de idéias no Segundo Reinado. In: GRINBERG, K.; SALLES, R. (Org.). **O Brasil imperial (1870-1899)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 83-118.

ARAÚJO, J. C. S. Imprensa, co-participe da educação do homem. **Rev. Cadernos de História da Educação**. v. 1, n. 1, jan./dez. 2002.

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

INÁCIO, M. S.; SANTOS, M. L.; JINZENJI, M. Y. Educação moral, política e instrução: múltiplos olhares em periódicos de Minas Gerais (1829-1835). In:

LUSTOSA, I. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2 ed. São Paulo: Zahar Editores, 2004

_____. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARX, K. **A Liberdade de Imprensa**. Trad. Cláudia Schilling; José Fonseca. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001.

MATTOS, I.; GONÇALVES, M. A. **O império da boa sociedade: a consolidação do Estado imperial brasileiro**. São Paulo: Atual, 1991.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

MIZUTA, C. M. M. O jornal *O Auxiliador da Indústria Nacional* e a educação no século XIX. In: MIZUTA, C. M. M.; FARIA FILHO, L. M.; PERIOTTO, M. R. (Org.) **Império em debate: imprensa e educação no Brasil oitocentista**. Maringá: Eduem, 2010. p. 169-199.

PALLARES-BURKE, M. L. G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Rev. Cad. de Pesquisa**. São Paulo, n. 104, p. 144-161, jul. 1998.

PERIOTTO, M. R. Educar para o bom governo: a reforma moral dos homens públicos no *Jornal de Timon*. In: MIZUTA, C. M. M.; FARIA FILHO, L. M.;

_____. O papel da imprensa no processo de construção da nação: a “vocação pedagógica” do *Correio Braziliense*. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.16, p. 61 -83, dez. 2004. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis16/art5_16.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

_____. Imprensa e a Educação no século XIX: as ideias de *O Progresso*. **ANAIS do CBHE**. 2012. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/091_marcilia.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2012.

PERIOTTO, M. R. (Org.) **Império em debate: imprensa e educação no Brasil oitocentista**. Maringá: Eduem, 2010. p. 253-297.

PINSKY, C. B. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, sobre a educação política**. 39. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

ANEXOS

Anexo 1

A Trombeta: jornal critico, noticioso, litterario e religioso. n. 3, terça-feira, 13 jul, 1869.

ANNO I TERÇA-FEIRA 13 DE JULHO DE 1869 N. 3

A TROMBETA

Jornal critico, noticioso, litterario e religioso

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

Assignar nesta typographia por 25000 ao Trimestre, 35000 Semestre, e 68000 por anno. Os Srs. assignantes podem publicar os seus artigos gratis com tanto que não offendam individualmente. As correspondencias ou communições serão publicadas conforme as resoluções.

A TROMBETA

TERÇA-FEIRA, 13 DE JULHO DE 1869

Com a cessação do trafico de africanos surgiu entre nós uma especie de trafico que a força seja por todos os modos combatido como aquelle foi, porque se um era desbarrante, e outro além do mineral depõe altamente contra a indole do quez n'elle se occupa

Tera se introduzida entre nós, e sabido, o habito de abrirem-se lupanares onde aquelles que *sedes e corpe ao homem*, e entregão a alma ao diabo são escravas, que assim procedem induzidas per seus proprios senhores.

Algunas ha, entre essas infelizes, que são arrestandas a essa represa, contra sua vontade, mas que se vêem a liberdade de quem sobre ellas pôde e as lizes intelligem eslogos.

Faz horror, o modo de serem tratadas, a que acabamos de expor, e o salido.

E a protervia e omissão de alguns elogs a ponto de mandarem vir do mar, principalmente, mulheres escravas favorecidas do balcão para entregar as exclusivamente a este trafico de nova especie, em que se não expõe o capital senão a essas enfermidades contagiosas, que ellas partem com a maior facilidade aos moços insperados e aliás de boa educaçõ e do bom nascimento, sujeitando assim seus pais e luteras a despesas extrai-

Deixando de parte este quadro melancolico, mas em que não exageramos nem arruamos proposição que não seja verdadeira, vamos nos occupar da presunção, mas de outro especie.

As familias que percorrem as ruas desta innocua Babilonia presenteão, muitas vezes actos reprovados praticados por essas mulheres que desde a manhã até a noite guardam as janellas de seus lupanares, e ali ás claras trocõ com os seus apaixonados pelveas obscenos e torripilantes, e quando d'elles os gracejos se mimoseã com oculos, ademanes e outros, etc.

E isto se pratica em quasi todas as ruas desta cidade, porque na civilizada capital do Imperio essas mulheres esquivadas não residem, como em todas as outras capitais em ruas esportadas, e com imposições certas e inflexiveis.

Em outro numero tratamos ainda desta especie, que, por sua natureza merece as honras de ser tratada à tela da imprensa.

O nosso foro.

E' lamentavel que os nossos juizes são, em quasi não a sua independência, magistrados integerrimos e incapazes de transigirem com suas consciencias.

Em um país novo como o Brasil não se pôde exigir maior independência, mais honestidade, mais brio e mais honradez do que as que possuem os nossos magistrados.

E se haem em alguns lugares, alguns ma-

A Relação do côrte, que é um moleão de caracteres grossos, mereço, por sem duvida, os maiores elogios pelo modo porque desempenba os seus multiplicados encargos.

Mas, tocado de modo proprio estes elogios, aos desenhos do côrte da Relação da côrte, permitam-nos SS. Exas. que solicitamos mais alguma brevidade na decisão dos autos que lhen são affectos.

Faz o SS. Exas. fazemos este pedido tambem o dirigimos aos Srs. juizes em geral

O estado do nosso foro carece de melhoramentos, mas estes só lentamente poderão ser feitos.

Tenho SS. SS. bem presente o prologo: — que os pequenos rios é que fazem o oceano

Não se diga que quanto mais alta é a categoria de empregado e a reparaçõ a que pertence, maior é o indifferencismo que o domina.

Diz-se que no muito respeitavel supremo tribunal de justiça existem autos ha mais de mez julgados, e que não tem sido enviados aos tribunales do seu destino!

Não certifcamos o facto, mas odo tem tomado proporções que cumpre esclarecer, e outras providencias são reclamadas para que as partes não sejam prejudicadas.

Quando o povo submisso se presta a pagar tributos que delle se exige, o povo deve ser atendido nas suas queixas.

Tratando destes assuntos é natural que

Fonte: Acervo de Periódicos Raros da Fundação Biblioteca Nacional. Arquivo de Alessandro Santos da Rocha.

A TROMBETA

Jornal critico, noticioso litterario e religioso.

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

Assigna-se nesta typographia por \$3500 ao Trimestre, \$7000 Semestre, e \$13000 por anno. Os Srs. assignantes podem publicar os seus artigos gratis com tanto que não offenda individualmente. As correspondencias ou communicacoes serão publicadas conforme as circumstancias.

A TROMBETA

SABADO 4 DE SETEMBRO DE 1869

Quando sobre a população desta capital pezo impostos, multas e outras vexações, e que ella se presta com a maior humildade porque seus habitantes sabem que o Estado não pode satisfazer seus muitos compromissos gravados com essa guerra de extorção que ha quasi 5 annos sustentados essa população tem tambem o direito de dar um conselho por aquelles que se queixam de quem manda esse dever.

Sabeas que a illm. camera municipal tem occupado de cuidar a imprensa publica a qualquer dos muitos compromissos a esse ramo de serviço publico, e que só depois de muitos debates, debates e questões que produziram a retirada d'aquella corporação de um dos seus mais respeitáveis membros, como inquestionavelmente o Sr. Dr. D. Ines Lacerda, cidadão bem quasi e considerado a todos os respeito, a cuja fallz os questionarios se ser muito sentida, por occasião de se tratar ali dessa questão.

Portanto, e que vaines dizer relativamente a imprensa publico a não se refere a nenhum das Srs. vendedores da illm. camera, mas sim aos cidadãos a quem se confia essa tarefa de que se foy e dizer, não a seu desampenho ou satisfactimento como em de esperar.

Não basta que desde pela malogada perspectiva as ruas hontem armadas de vassouras para limporem ou varrem as ruas, não é necessário que esses homens desempolhem com zelo, promptido e enxada esse trabalho e que as ruas, fiquem varridas e não varridadas, que os animais mortos sejam delles removidos etc., etc.

Parece-nos que a vigilancia deve ser exercida com o maior cuidado, e por foyas que essas irregularidades se não reproduzão; que as mais terminantes ordens se dêem para

que esse serviço seja feito no mais profundo silencio, e não entre vozerias que ferem os ouvidos e despertam o cidadão que, alquebrado do trabalho, a essas horas dorme os dias de suas fadigas.

Nenhuma má vontade nutrimos contra os cidadãos que tomaram a si esse encargo; mas, como temos ouvido muitas queixas contra a irregularidade deste serviço, erguemos a nossa delib. voz, protestando contra o seu má desempenho.

Essa porventura ellas forem ouvidas, e o serviço melhorado, seremos os primeiros a trazer estas lousas queixas por ellejos.

Ha tempo que os jornales não nos deixamos reger por paucos, nem odios. E assim como nos debatamos na escola para convencer, assim tambem a nossa pena se presta a elogiar a quem merecer elogios.

e tratemos de que nos interessa. (Depois de zebatarem-se, e commendador Athanasio copiar) Então está tudo definitivamente arranjado, como te pedi honras a noite?

segundo.

Tudo... definitivamente

COMMENDADOR ATHANASIO.

Fois bem; muito bem! Ecolio em si; advogará a minha causa com todo o ardor, e com todo o entusiasmo. (Agar) Mas, olha, Eduardo ha de ser uma declaração solenne, eajal, completa. Sahir-te-has bem, não é assim?

encando.

Asseguro-lhe que cuidarei todos os esforços

COMMENDADOR ATHANASIO, com enthusiasmo.

Não podia deixar de ser assim! O meu timo, a minha perspicacia não me haviam de illudir nesta terrica conjunctural... Definitivamente, sou um homem tilhado para as grandes questões que agitam o país! O que me faz... Com entusiasmo recrescente, dirigindo-se a Eduardo.) Ah! meu cora Eduardo, que bella linguagem foy ou representando-se nesta casa!

EDUARDO, á parte, com ironia.

Disto cretura foy. E pebedoz com todo o acerto; a futuro h'ly demonstrará...

COMMENDADOR ATHANASIO.

Com menos o plano, degressa, que ellas se em tardar — Entregaria isto de trabalho atado por tempo. (A Eduardo.) Ah! in-the momento! aqui o tem.

LITTERATURA

QUEM TEM BOCCA NÃO MANDA ASSOPRAR

PROVERBIO

Personagens.

D. LAURA,
D. ALIXINA,
EDUARDO,
COMMENDADOR ATHANASIO

A scena é da actualidade; passa-se no sala de visitas de uma casa abastada.

SCENA I.

COMMENDADOR ATHANASIO
E EDUARDO, entrando.

COMMENDADOR ATHANASIO.

Te nos flagras annunciar; não devas tardar; pois, enquanto não chego, sentimo-nos